

CAPÍTULO 10

# **LATIM NOS BRASÕES DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS**

Alguns modelos de inscrições

Maria Alice Santos Ribeiro  
Zélia Gonçalves dos Santos

## INTRODUÇÃO

A *universitas* surge entre os séculos XI e XIII e o termo em latim remete à noção de universalidade aplicada às corporações eclesíásticas *Universitas magistrorum et scholarium- universidade*. Nesta instituição, ensino compunha-se do *curriculum* do *Trivium* (artes liberais e arte da lógica) e pelo *curriculum* do *Quadrivium* (artes dos números e da música), os quais tiveram a contribuição do filósofo romano *Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius*, fundador da educação escolástica e tradutor dos textos gregos de caráter didático para a língua latina. Esses *Curricula* serviriam de base à educação e foram ensinados em latim até o início do século XIX, nas universidades.

A heráldica medieval assim como a origem e os valores das *litterarum universitas* são condizentes, ou seja, a grandeza dessa instituição está vinculada com a simbologia da índole heráldica. A tradição de adotar brasões para representar as universidades confere nobreza à instituição e constitui-se na sua imagem mais sintética, aquela que os olhos primeiro captam e que registra na memória, o seu vínculo com a universidade. (ALMEIDA FILHO, 2011)

O capítulo apresenta uma síntese histórica sobre o surgimento das *Universitas*, no início do período medieval, quando o latim era a língua oficial nessas instituições, assim como tece breves comentários sobre as inscrições nos brasões de algumas universidades federais brasileiras. Com base na pesquisa descritiva, se reconhece a importância didática do ensino de latim na academia e, como objeto de estudo, sua colaboração para o avanço da pesquisa científica na área de Linguística. De modo igual, apresenta sua contribuição para a parte cultural de uma sociedade, assim como demonstra a relevância desta língua para a representação da identidade institucional das universidades, cuja inscrição em seus brasões traduz o ideal da instituição vinculado à missão, à visão e aos valores que se propõem para o ensino, a pesquisa e a extensão.

### **UNIVERSITAS MAGISTRORUM ET SCHOLARIUM (COMUNIDADE DE MESTRES E ESTUDIOSOS)**

A universidade é um espaço de produção e socialização de conhecimento. Essa instituição de ensino, pesquisa e extensão criada nos primeiros séculos

da Idade Média possuía tanto poder e influência na sociedade que, para Sucupira (1972), a estrutura social da época se assentava sobre três pilares: o *Sacerdotium*, o *Imperium* e o *Studium*. Com igual compreensão, Loureiro (1960, p. 33) afirma ser a universidade, desde sua gênese, a “[...] única potência que poderia se comparar ao papado (poder religioso) e ao governo (poder político), no que se refere ao poder do conhecimento”, por ter sido o maior centro de ensino de toda a cristandade.

O surgimento da universidade<sup>1</sup> entre os séculos XI e XIII foi propiciado pelo Renascimento e, a partir desse movimento, surge a nova visão de mundo e de homem, que contesta o ensino e a ciência. O princípio de livre acesso à universidade naturalmente era condizente com o termo em latim *universitas*, cujo significado, segundo Bastos (1957), remete a noção de conjunto de universalidade e comunidade. Do ponto de vista de Loureiro (1960, p. 31), a palavra *universitas* foi “[...] originalmente aplicada às corporações eclesiásticas dentro do *Studium*”. Logo, essas corporações retratavam o conjunto integral do que constituía determinada coletividade, cuja expressão era *Universitas magistrorum et scholarium*.

Com referência ao ensino nas *Universitas* resgata-se a contribuição do filósofo Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (*Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius*) reconhecido como fundador da educação escolástica, cujo ‘método’ de ensino e de aprendizagem foi implantado nas universidades do século XI ao início do século XVI. Boécio foi o primeiro dos escolásticos a traduzir textos gregos de caráter didático para a língua latina, relativos aos campos da aritmética e da música que compunham o *curriculum* do *Quadrivium*, com os quais produziu manuais que serviriam de base à educação, durante muitos séculos. (LAUAND, 1998)

Os jovens da Idade Média tinham como base a aprendizagem com dois *Curricula*: o *curriculum* do *Trivium* composto pelas artes liberais e arte da lógica que englobava retórica, dialética e noções de prosódia ensinadas nas escolas monacais e episcopais. O *curriculum* do *Quadrivium* ou artes dos números

---

1 Bolonha (1088), Oxford (1096), Paris (1200), Salamanca (1243), Nápoles (1224) Cambridge (1284), Coimbra (1288).

que compreendia aritmética, geometria (Euclides), astronomia (Ptolomeu) música (Pitágoras) e artes ministradas no *Studium Generale*. Os *Curricula* foram ensinados em latim, língua oficial das ciências e artes até o início do século XIX nas universidades modernas.

No que se refere ao ensino de latim no Brasil este teve início com a chegada dos padres da Companhia de Jesus, em 1549, como membros da expedição de Tomé de Souza. Durante mais de três séculos o latim ocupou o papel no cenário intelectual, cultural e literário, prevalecendo como língua oficial do ensino. Porém, no fim do século XIX, os estudos clássicos sofreram declínio no ensino básico e superior que culminaram na supressão do latim como disciplina obrigatória, sendo excluída do ensino a partir da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no período.

## O LATIM NA HISTÓRIA E NA CULTURA

O Latim pertence ao grupo itálico da família linguística indo-europeia - o sabélico, o úmbrio, o volsco, o osco e o falisco. Falado, primeiramente, pela população de Roma e do Lácio, absorveu todos os ramos linguísticos oriundos do itálico. Esta circunstância, provavelmente, foi fomentada em razão das conquistas territoriais<sup>2</sup> e da prosperidade do Império Romano que contribuiu grandemente para o desenvolvimento do direito, arte, literatura, arquitetura, tecnologia, religião, governo, e da linguagem que dominou todas as províncias do vasto império, tornando o latim uma das principais línguas do mundo antigo. (POGGIO, 2005)

O latim ao longo do tempo passou por sucessivas mudanças. Havia o latim popular (*sermo vulgāris*), o latim puro ou clássico (*sermo eruditus*) e o latim castrense usada nos acampamentos militares. Mais tarde, surgiu o latim eclesiástico, um misto de latim clássico e adaptações próprias aos ritos litúrgicos da Igreja Católica. Contudo, em Roma e nos centros provincianos, a

---

2 Entre os territórios conquistados destacam-se a Grécia, o Egito, a Macedônia, a Gália, a Germânia, a Trácia, a Síria e a Palestina.

nobreza, as autoridades, os políticos e os escolarizados falavam e escreviam o *sermo eruditus*. (AMARANTE, 2015)

Comumente a história do latim é dividida nos períodos: arcaico (entre o século III a.C. e o início do século I a.C.), clássico (entre o século I a.C. e o século I d.C.); pós-clássico (entre o século I d.C. e o século V d.C.) e; cristão (a partir do século III de nossa era, aproximadamente). Vale acentuar que ao lado da língua escrita ou literária existia uma língua falada. E, nesse contexto, o latim a partir do período pós-clássico começa a perder a pureza, diminuindo as diferenças entre a língua falada e a literária. Por esse ângulo, Amarante (2015, p. 30) reitera que

[...] o latim que dará as origens românicas não será o latim clássico, uma língua literária, trabalhada artisticamente pelos grandes escritores que nos legaram uma literatura que até hoje influencia o mundo ocidental. O latim que deu origem às línguas românicas é o chamado vulgar, ou latim falado pelos diversos estratos sociais, em diferentes situações, tempos, lugares e que não deve ser pensado como uma língua uniforme.

Conhecida pelo uso, sobretudo, nos textos não literários e nas inscrições *lapidaris*, a língua falada (*sermo vulgāris* – latim popular) deu origem às línguas neolatinas ou românicas – português, espanhol, catalão, provençal, francês, italiano, romeno – uma vez que o latim levado às mais distantes regiões do império romano, aos poucos foi se adaptando a cada região, por força das circunstâncias.

A despeito da dissolução do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., o latim e a cultura clássica gozaram por muito tempo de privilegiado estatuto no mundo intelectual, sendo considerados basilares para a formação do homem erudito. Durante muitos séculos, até 1961, o latim foi considerado a língua oficial da Igreja Católica Romana, o que contribuiu com a manutenção de seu prestígio e difusão. O uso do idioma na realização de cultos e cerimônias religiosas eram obrigatórios e, até os dias atuais no Vaticano, os documentos oficiais são escritos em latim. (PAVANETTO, 2020) Portanto, mesmo não havendo falantes nativos de latim, o idioma ainda permanece em constante uso, principalmente, nas congregações religiosas.

O latim, até o século XVIII, se configurava como a língua da ciência e da cultura. A comunicação de pensadores e filósofos, dos mais diferentes países, era realizada através da veiculação de textos escritos em latim, língua que era compreendida por grande parte dos intelectuais. A ciência, portanto, até o início do século XX reconhece o latim como uma língua universal e com a qual foram escritos os basilares tratados filosóficos e científicos que foram produzidos ou publicados na época.

## **BRASÃO E INSCRIÇÃO: SÍMBOLOS DA HISTÓRIA E DAS TRADIÇÕES**

Os brasões, na tradição europeia medieval, eram um ícone de *status*, conferido às famílias nobres e aos heróis, cujo símbolo poderia transmitir a seus descendentes. Era pintado ou costurado sobre as cotas de malha, o vestuário de proteção usado pelos guerreiros medievais. No intuito de simbolizar o grau de *status*, cada desenho do brasão era especificamente criado, obedecendo às leis da heráldica. Originária da Europa do século XII, a heráldica é a arte e a ciência que determina, produz e estuda brasões e outros símbolos.

Comuns, sobretudo nos séculos XIV e XV, os brasões a partir desta época passam a ser criados com a finalidade não só de identificar indivíduos, famílias, clãs, mas também corporações, regiões e nações. No que se refere ao desenho representativo, especificamente, o brasão possui elementos internos que traduzem os feitos de uma família ou instituição, e externos que traduzem seu cargo, honrarias e posição.

Em relação à frase lapidar, classificada no gênero de divisa, ela é parte integrante do simbolismo heráldico e deve ser invariavelmente escrita em latim, língua oficial da heráldica. No atual contexto, os tipos de gêneros de divisas mais utilizados de inscrição em latim são:

- divisa eclesiástica – gênero da esfera religiosa cujo tema, estilo e composição são centrados em ensinamentos de conduta cristã;
- divisa política – gênero de esfera institucional estampado em bandeiras e brasões de uma cidade ou estado, cujo tema enfatiza ideais, fatos históricos e grandeza cívica;

- divisa institucional – gênero também da esfera institucional, porém gravado em brasões e fachadas de prédios de instituições culturais, educacionais, governamentais, agremiações artístico-culturais etc.

Notadamente, cada inscrição produzirá variados sentidos, uma vez que mudam os sujeitos, a época e o lugar, dando ressignificação – histórico, ideológico, sociocultural – em cada elemento, nela implícita. Neste sentido, Leite (2014, p. 90) afirma que a divisa “é o nome dado ao gênero que tem a característica geral de ocorrer gravado em brasão, bandeira ou fachada de instituição, normalmente, citando um lema de algo ou alguém, como uma espécie de assinatura identificatória”. Com essa perspectiva e, baseado nos resultados da pesquisa, pode-se afirmar que o brasão de uma universidade é um texto- verbo visual em que todas as linguagens (as cores, os desenhos, os símbolos e a divisa em latim) formam um todo significativo, participando da construção de sentido e do contexto apresentado no brasão.

## **BRASÕES: IMAGEM SIMBÓLICA DE UNIVERSIDADE**

As imponentes universidades ostentam brasões. Com efeito, o uso da heráldica atribui nobreza à instituição que a ela é conferida. A tradição de adotar brasões para representar universidades remete às primeiras *Universitas magistrorum et scholarium* surgidos no mundo ocidental, a partir do século XI. Por conseguinte, a heráldica e as primeiras universidades que nasceram na Europa medieval adotaram idênticos sistemas de valores.

Esses centros acadêmicos e corpos coletivos, de interesse público com plena autonomia, tinham na ciência heróica uma convenção formal que continha em sua essência, valores que representavam a excelência, a disciplina e a exclusividade. Portanto, a origem e o caráter orgânico das universidades das letras (*litterarum universitas*) europeias sugerem um ordenamento rigoroso, eminentemente corporativo, condizente com a grandeza dessa instituição e com a simbologia de índole heráldica.

É, neste sentido, que existem elementos indispensáveis no brasão de uma universidade. As tochas, por exemplo, representam conhecimento,

luz e saber. A frase lapidar, como parte integrante do simbolismo heráldico deve ser invariavelmente escrita em *latim*, identificando, entre outros conceitos, a missão, os valores, os fundamentos e a imagem institucional da universidade. Para tal fim deve contextualizar não apenas seu caráter de universidade como também seu aspecto social, enquanto instituição formadora de cidadãos comprometidos com a sociedade. Por fim, incluem-se as folhas ornamentais, elementos relevantes no brasão, com forte presença histórica e muito utilizada na cultura greco-romana. O brasão, símbolo de uma universidade, constitui-se na sua imagem mais sintética, aquela que os olhos primeiro captam e a memória regista, associando com a instituição. (ALMEIDA FILHO, 2011)

## **LATIM NOS BRASÕES DE ALGUMAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: NORDESTINAS**

Até o início do século XIX, na condição de colônia de Portugal, não existiam cursos superiores no Brasil. Em 1808, com a chegada de D. João VI, foi criada a Escola de Cirurgia da Bahia, em 18 de fevereiro, em Salvador e pouco depois, em 2 de abril, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, que era abrigada no Hospital da Misericórdia. No século XX, foram surgindo instituições que tiveram o título “universidade” no país, sendo a primeira a Escola Universitária Livre de Manaus, criada em janeiro de 1909. Mas, a instituição pioneira a estabelecer as bases do tripé de ensino-pesquisa-extensão foi a Universidade de São Paulo (USP), fundada em 1934. (SUCUPIRA, 1972)

Em um grupo de 20 universidades alvo desta pesquisa, este texto por restrição editorial, se limitará nas descrições dos brasões de seis universidades federais da região do Nordeste do país: Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Imprescindível assinalar a criatividade e competência do heraldista e monge beneditino Irmão Paulo Lachenmayer (Ernst Lachenmayer – nome civil – 1903-1990) como criador e idealista dos brasões da maioria das universidades nordestinas brasileiras.

## Universidade Federal da Bahia (UFBA)

O brasão da UFBA, desenhado originalmente por Vitor Hugo Carneiro Lopes e brasonado em 1956, pelo Irmão Paulo Lachenmayer (VEIGA, 2019), notabiliza a identidade visual da maior universidade da Bahia. Em 2008, o brasão foi modificado com a inclusão do ano 1808, abaixo do timbre, referindo-se ao ano de fundação da Faculdade de Medicina da Bahia, a primeira a ser criada no Brasil.

O brasão apresenta-se fendido com dois campos triangulares. O campo da esquerda em prata simboliza pureza, integridade e obediência; o da direita na cor azul marinho simboliza a lealdade, justiça e perseverança. O escudo é composto por dois ramos de oliveira entremeados que significa a vida e a sabedoria. No topo do timbre estão três tochas douradas que correspondem à nobreza e ao poder. A queima de um fogo natural caracteriza a luz e a vitória. O emblema também exhibe uma fita azul com inscrição em latim *Virtute Spiritus* de cor prata cuja frase inspira a ideia de que a universidade é um ambiente de virtudes e abaixo desta, o número “1808”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2021)

Figura 1: Brasão UFBA



*Virtute Spiritus*  
Pela força do Espírito

Fonte: Universidade Federal da Bahia (2021).

## Universidade Federal do Ceará (UFC)

O brasão da UFC, criado em 1965, pelo religioso alemão Paulo Lachenmayer, contém uma banda com bordas denticuladas, carregadas de três folhas de carnaubeira, a palmeira regional. Os entalhes lembram as ameias de uma fortaleza, simbolizando a força do saber e da cultura regional paraibana. Nas insígnias há três fochos de ouro e três tochas que na época de concepção do brasão representavam as áreas do conhecimento da universidade: Ciências Exatas, Ciências Humanas e Ciências da Saúde. O lema, em latim, *Virtus unita fortior* indica a universidade como lugar de virtude, mas que uma virtude sozinha não realiza. O corpo universitário é importante quando unido. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2021)

Figura 2: Brasão UFC



*“Virtus Vnita Fortior”*  
A virtude unida é mais forte.

Fonte: Universidade Federal do Ceará (2010).

## Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Elaborado por Irmão Paulo Lachenmayer, o brasão da UFPB apresenta elementos simbólicos da história, geografia e tradições paraibanas, em letras de ouro, sobre um mistrel azul. Campo de azul, disperso de bezantes de

prata e sobre ele três filetes ondados de prata. A flor-de-lis é o símbolo da pureza e da riqueza do conhecimento humano, conseguidos por meio da universidade. A inscrição *Sapientia Edificat*, em latim, de autoria do professor Afonso Pereira alude aos benefícios do conhecimento na formação dos indivíduos e na construção da sociedade. Inspira-se na antiga inscrição existente na fachada do prédio do Curso Regular de Humanidades, onde posteriormente funcionou a Faculdade de Direito. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, 2021)

Figura 3: Brasão UFPB



*Sapientia Edificat*  
A sabedoria constrói (edifica).

Fonte: Universidade Federal da Paraíba (2021).

## **Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)**

A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) marcou os 100 anos de fundação das Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento – célula-*mater* da Instituição – com novo projeto de identidade visual baseado na remodelação do seu brasão. A nova logo foi desenhada a partir dos elementos essenciais – o semeador, o Cruzeiro do Sul e a inscrição *Ex Semine Seges*, em latim. (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, 2021)

A ideia central tem como foco o semeador iluminado pelo Cruzeiro do Sul, cuja construção do conhecimento está representada pelas sementes,

complementando a ideia de colherás (conhecimento) a partir da semente que semear. A simbologia do pode retratar a origem da UFRPE, mas também remete tanto ao campo rural quanto ao planeta, tipificando o caráter universal do conhecimento.

Figura 4: Brasão UFRPE



*Ex Semine Seges*  
Colherás a partir da semente.

Fonte: Universidade Federal Rural de Pernambuco (2021).

## **Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)**

O brasão da Universidade foi confeccionado pela Academia Brasileira de Arte, Cultura e História (ABACH). Para subsidiar o projeto, foram enviadas as informações sobre os fundadores da universidade, data da fundação, riquezas do estado etc.

Instituição de ensino de agricultura, situada no Semiárido, o brasão da UFERSA apresenta os seguintes elementos no símbolo: “a tocha – símbolo de luz, conhecimento e saber; a serpente mordendo a cauda – símbolo da ciência, da prudência, da astúcia e da eternidade”. No lado superior à direita do escudo há uma roda de moinho que significa poder, sabedoria, acuidade no investigar e governar. A frase latina *Per Scientia Aridam Terram Floret* no brasão refere-se ao antigo sonho de decifrar a Caatinga e preconiza que a

ciência floresce através da terra seca. (UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO, 2018)

Figura 5: Brasão UFERSA



*Per Scientia Aridam Terram Floret*  
A ciência floresce através da terra seca.

Fonte: Universidade Federal Rural do Semi-Árido (2018).

## **Universidade Federal de Sergipe (UFS)**

Idealizado por Paulo Lachenmayer, na década de 1970, as cores do escudo fazem alusão às límpidas do Rio Sergipe para cujas margens a capital do Estado foi transferida. O sentido simbólico das águas do rio atribui nome ao estado e aos seus primeiros habitantes, a tribo dos siris. No escudo da Universidade, a fluência do rio, que cresce até diluir-se na plenitude dos mares, representa o estímulo aos que procuram sabedoria seja pela de suas águas. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2021)

Representativa também é a fecundidade do crustáceo, cujas larvas flutuam no rio e nele se desenvolvem (*fluendo crescit*). (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2021) No escudo eles são representados pelo torneado em barra com o contorno frontal do siri. É preciso fluir/caminhar/estudar para obter crescimento/conhecimento. São assim suficientes os dois símbolos para

expressar o lema que enobrece tanto a cátedra docente como os discentes da universidade sergipana.

Figura 6: Brasão UFS



*Fluendo Crescit*  
Flutuando cresce.

Fonte: Universidade Federal de Sergipe (2021).

## CONSIDERAÇÕES

O latim pode ser até considerado uma língua “morta”, mas o seu *status* continua vivo. Extremamente lógica e organizada em sua estrutura, o seu estudo e as vantagens advindas dessa língua estão mais vigentes do que nunca. Este texto apresenta uma síntese histórica sobre importância do latim e a relevância desta língua para a representação da identidade institucional das universidades, cuja inscrição em seus brasões expressa a personalidade, traduz o ideal da instituição vinculado à missão, à visão e aos valores que constituem a base do que se propõem para o ensino, a pesquisa e a extensão. As inscrições em latim nas divisas institucionais também demonstram a atualidade de uso na contemporaneidade.

A língua latina, décadas atrás, era presença constante nas grades curriculares, principalmente nas instituições acadêmicas, e sua importância não se dava apenas pela presença maciça na história e na literatura das civilizações antigas. É notório, sobretudo, que a língua latina permite cultivar o raciocínio

e aguçar a mente para o pensamento crítico. Por conseguinte, pode-se compreender o valor didático do ensino da língua latina como parte da formação na academia e como objeto de estudo para o avanço das pesquisas científicas não só na Linguística, mas em áreas interdisciplinares.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, N. *A universidade clássica: aula ministrada no Mestrado Interdisciplinar sobre Universidade*. Salvador: Edufba, 2011.
- AMARANTE, J. *Latinitas: leitura de textos em língua latina*. Salvador: Edufba, 2015. v. 2.
- BASTOS, J. P. *A missão das universidades na investigação científica*. Salvador: Imprensa Vitória, 1957. v. 1.
- LAUAND, L. J. *Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEITE, F. F. *Inscrições em latim sob uma abordagem dialógica: um estudo no contexto do Cariri cearense*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.
- LOUREIRO, M. A. S. *História das universidades*. São Paulo: Estrela Alfa, 1960.
- PAVANETTO, C. *Parvum Verborum Novatorum Léxicum: apparavit. Latinitas Opus Fundatum in Civitate Vaticana*, Vatican, 2020. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/institutions\\_connected/latinitas/documents/rc\\_latinitas\\_20040601\\_lexicon\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/institutions_connected/latinitas/documents/rc_latinitas_20040601_lexicon_it.html). Acesso em: 22 ago. 2020.
- POGGIO, R. M. G. F. *Iniciação ao estudo do latim*. Salvador: Edufba, 1996.
- SUCUPIRA, N. (org.). A condição atual da universidade e a reforma universitária brasileira. In: ENCONTRO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS, I., 1972, Brasília, DF. *Anais [...]*. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 1972. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=26723](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=26723). Acesso em: 16 maio 2020.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Manual de identidade visual*. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <https://www.ufba.br/manual-de-identidade-visual>. Acesso em: 12 maio 2021.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. *Brasão D'armas da Universidade Federal da Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 2021. Disponível em: <http://www.ufpb.br/antigo/content/brasao-da-universidade-federal-da-paraiba>. Acesso em: 28 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. Brasão e marcas da UFS. Aracaju: UFS, 2021. Disponível em: <https://divulgacoes.ufs.br/pagina/3217>. Acesso em: 26 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *Manual de identidade visual*. Fortaleza: UFC, 2010. Disponível em: [https://www.ufc.br/images/\\_files/a\\_universidade/identidade\\_visual/manual-de-identidade-visual-da-ufc.pdf](https://www.ufc.br/images/_files/a_universidade/identidade_visual/manual-de-identidade-visual-da-ufc.pdf). Acesso em: 12 maio 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO. *Manual de identidade visual*. Recife: UFPE, 2021. Disponível em: <http://www.ufrpe.br/br/content/marca-e-identidade-visual>. Acesso em: 28 abr. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO. *Manual de identidade visual da Ufersa*. Mossoró: Ufersa, 2018. Disponível em: <https://assecom.ufersa.edu.br/identidade-visual/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

VEIGA, P. *Irmão Paulo Lachenmayer: um artista alemão no Mosteiro Beneditino da Bahia no Brasil*. Salvador: Edufba, 2019.